

PRIMEIRA PÁGINA

A serviço da notícia

Ano 1 - Edição nº 10

Cachoeira Paulista, 16 de janeiro de 1999

R\$ 0,50

Leia entrevista exclusiva com o fotógrafo José Botelho Neto, (Zizinho). Doente, seu sonho é voltar à fotografia. Pág. 4

APM do Educandário muda diretoria da escola, nomeando José Roseira. Pág. 2

Foto: Claudia Varella



Lenda viva da fotografia na cidade, Zizinho luta contra a doença

Clube Literário começa preparativos para o carnaval

Da Redação

Com a escolha de mesas realizada domingo, dia 10, e o início dos trabalhos de decoração esta semana, o Clube Literário e Recreativo de Cachoeira Paulista começou os preparativos para o seu carnaval deste ano.

O carnaval do clube terá início na sexta-feira, 12 de fevereiro, com o conjunto Tema Livre, de Guaratinguetá, o mesmo que tocou no carnaval de 1997.

"Serão cinco ballets espetaculares, para manter a tradição do Literário de realizar um dos melhores carnavais de salão do Vale do

Paraiíba", prometeu o tesoureiro do clube, Henrique Barbosa. O repertório será variado, com músicas tradicionais, sambas-enredo e músicas baladas. O Tema Livre vem ao Literário por R\$ 24 mil.

Banho de piscina

O grilo de carnaval na quinta-feira ainda é incerto, segundo o tesoureiro, e haverá apenas três matins (de domingo a terça). O banho de piscina também ainda não está confirmado: os diretores estão temerosos de realizá-lo por causa de um acidente que ocorreu no reveillon num clube de Lorena, em que um rapaz morreu ao mer-

gulhar na piscina. Como todos os anos, haverá prêmios para fantasias, blocos e foliões.

O ingresso de visitante custará R\$ 25 por noite, com pacote de R\$ 100 para as cinco noites. No domingo foram locadas 18 mesas, a R\$ 150 cada, mas a diretoria espera locar todas as mesas até as vésperas do carnaval.

Decoração

Yan Lorena empreitou por R\$ 4 mil a confecção da decoração do clube este ano (material e mão de obra), com o tema "Cranda de Palhaços", e promete uma ornamentação bem alegre e colorida.

Carnavalesco rememora velhos carnavais da cidade

Por Carlos Varella

Os carnavais de Cachoeira antigamente eram bem melhores que os carnavais de agora. É o que afirma José Martins Cardoso, o "Zé Espanhol", de 75 anos, ferroviário aposentado, tido como um dos maiores carnavalescos da cidade (tanto de rua como de salão) em todos os tempos.

Várias vezes premiado no Clube Literário como folião (ou, com sua esposa Elza, casal-folião), Zé Espanhol disse que no passado havia mais animação, muita música por toda parte e o pessoal "brincava por brincar", sem outra motivação que não fosse o próprio carnaval.

Naquela época, contou ele com nostalgia, os compositores faziam centenas de musiquinhas para o carnaval e as rádios começavam a divulgá-las logo depois do Natal. "Então as pessoas começavam a se animar desde dezembro",

relembrou. "Hoje a televisão acabou com tudo", lamentou ele. Mesmo assim continua brincando todos os anos. "Até morrer", completou.

Desde a infância

Ele gosta de carnaval e brinca, desde criança. Ainda garoto, assistia aos desfiles e às brigas dos blocos "Prazer das Morenas" (primeiro nome do Clube Literário, fundado em 1921) e "Quem Fala de Nós Tem Paixão".

Adolescente, começou a brincar carnaval e não parou mais. "Por mim, só paro de pular carnaval quando morrer", repetiu. Ele praticamente brincava carnaval o dia todo: à tarde sala em bloco sujo, à noite em cordão carnavalesco e depois lá para o baile, no Literário, no Camba ou no cinema (onde se realizavam os ballets populares). Solteiro, só voltava para casa na quarta-feira de cinzas, exausto.

Quando sua escala de serviço na Rede Ferroviária caía no carna-

val, ele sempre conseguia trocar: certa vez trocou uma semana de folga por duas de serviço, só para não perder o carnaval.

Blocos e cordões

Dos blocos de que participou, ele lembra bem do "Com Língua Não Vai", mais ou menos de 1930 a 1938, e do "Folhões da Margem", que existiu durante uns 25 anos. Houve época em que era proibida bebida alcoólica nos blocos, mas os foliões "se viravam": como hoje, naquele tempo o boi catirina já trazia dentro uma prateleira de bebidas.

"Fazia-se carnaval com pouco dinheiro", contou ele. Havia, segundo ele, alguns elementos que organizavam blocos e escolas de samba só para levar vantagens financeiras, mas eram poucos. "Os foliões mesmo só se preocupavam em se divertir e às vezes até tiravam dinheiro do bolso para ajudar nas despesas do bloco ou do cordão",

Foto: Arquivo particular



Em 1958 os "Folhões da Margem" vestiram-se de toureiros. Zé Espanhol é o primeiro fantasiado à direita

contou.

As fantasias dos cordões eram compradas geralmente no Rio de Janeiro. "O Manoel Farago, um dos grandes carnavalescos que conheci, ia ao Rio especialmente para comprar as fantasias", revelou.

"Os cordões reuniam umas 40 pessoas, mais uns 15 na bateria. Todos fantasiados, e ainda havia os carros alegóricos", contou ele. Os cordões tinham de tirar licença na delegacia para poder sair e havia rivalidade entre os dois ou três cordões da cidade, mas poucas vezes houve brigas de fato. "Uma vez o Arquimedes, trombonista do nosso cordão e grande carnavalesco, numa briga quebrou o trombone na cabeça do Caxista (outro grande carnavalesco) e o nosso bloco ficou sem música aquela noite", revelou com nostalgia.

Os blocos sujos eram informais, não precisavam de licença e a cada ano tinham um nome, geralmente tirado de alguma

marchinha de sucesso, que eles adotavam para cantar nas ruas. Os foliões tinham criatividade, faziam fantasias originais, quase todos os homens (ele inclusive) se vestiam de mulher.

Grandes carnavalescos

Para Zé Espanhol, os maiores carnavalescos da cidade, fora os já citados, foram: Jota Barros,

Narizinho, Manoel Borges, Cici Viana, Valdemiro Varella, Geraldo Monteiro, Pedrinho Lagden, Jair Boizinho, Monteirinho, os irmãos Messias, Zezé e Jairo Ramos, a Lataú, a Nair Batana.

"É muita gente, não dá pra lembrar de todos na hora", justificou. "Cachoeira tinha o melhor carnaval de rua do Vale do Paraíba", concluiu orgulhoso.

Concurso de poesia

O Espaço de Arte Everá e o jornal Primeira Página estão promovendo um concurso de poesia. As cinco primeiras poesias selecionadas serão pintadas em muros da cidade.

Os interessados deverão enviar suas poesias datilografadas ou digitadas para a redação do jornal ou para o Everá. As poesias serão avaliadas por escritores e professores de literatura da região. O prazo de entrega foi prorrogado para o dia 29 de janeiro.

Primeira Página - av. Coronel Domício, 140, sala 1, centro.
Everá - rua Major Batista, 137, centro.

FARMA 7

O nosso cliente é nossa razão de ser

Continuaremos lutando por isso

A única com Farmacêutico presente. Descontos especiais

Aberto de 2ª a 2ª das 8:00 às 22:00

para um melhor atendimento à população

Rua Sete de setembro, 100 (em frente à Santa Casa)

Fone: 561-2655 ou 989-9691 (24 horas)

HIDREL

MATERIAIS ELÉTRICOS E

HIDRÁULICOS

ATENDEMOS FORA DO

EXPEDIENTE

(AO LADO DO SUPERM. SENEZ

R. DR. RIBEIRO DE ALMEIDA, 38

CENTRO - CACHOEIRA PAULISTA

TEL.: 561-1163

PERCA PESO!

Você quer: perder de 3 a 10 quilos

por mês (e mantê-lo baixo),

reduzido apetite, aumentando

energia e diminuindo stress.

Atendimento 24 horas

Ligue para:

(011) 5606-4083

Vendo motor Opala

Retífica Completa

medida standart (a mesma

de fábrica)

com Nota Fiscal

R\$ 600,00 a conversar

Falar com Geraldo

Fone: 561-2619

AQUIAR

AUTOMÓVEIS

Veículos 0 Km e

usados de todas

as marcas

o melhor preço da região

Pça. Santos Dumont, 26

Fone: 561-2144

Delta T Informática

Rua: Pref. Antônio Mendes, 167
Centro - Cachoeira Paulista - SP

Fone: 561-3701

CURSOS DE
INFORMÁTICA



VENDA
E
ASSIST. TÉCNICA

AULAS DE MONTAGEM
E MANUTENÇÃO DE MICRO

O curso que você
sempre quis fazer
está agora mais
próximo de você!!!

Dois dedos de prosa

Ruth Guimarães

Catedral Submersa

De dia não se vê. As águas tremem tanto, ampliadas pelo vento e o sol é tão fino e cuscuscante! Os olhos estão demasiadamente cheios de claridade e das cores, de sol e de cintilações. É muita a luz. Não dá para ver. Depois, há muito que contemplar, longe e perto. Como tinta derramada, pelo pasto, se estende o verde-abundante do capim-gordura, capim membeça, capim melado, orinde engordam e se arredondam, com o pelo lustroso, as vacas do Joaquim Pedro. Temos que olhar para os insetos que se curvam gentis, cumprimentando. E temos que olhar para os chorões que num lento gesto de mágoa lamentam não sei que desliza da negra sorte.

Pela manhã passa o bando de passaros azuis das escolas. Andorinhas do mar, em azul e branco, muitas gázaras e muito chilreantes. As marrequinhas do banhado eguem vão aos banhos, rufando as asas, desastoradas. Quall! Quall! Não dá para reparar no espelho da água tranqüila.

Passam os leiteiros em carroças, sacolejando as latas. E os burricos de cangalhas escuras, e orelhas em pé. E boiadas em atropelo, animais esbarrando uns nos outros, sujos, cascos barrentos, orelhas pendentes. E o boioteiro com a loca no berrante, arrancando tão sentida queita! A poeira se ergue, redemoinha, o vento a leva. Quem vai reparar no espelho da água tranqüila?

À tarde o passo é mais lento, o ar mais sereno, as cintilações se apagam num tom neutro, entre cinza e lilás, e as águas se alisam, indurmas. Os lambaris fellos de prata e sol se escondem no fundo. Tardinha bem tardinha de mulheres longas nas poadilas, os passos na ponte têm um sentido de retomo e um jeito de badja, ligeira, não é nenhuma, porém a matiz de Santo Antônio muito lírico, toda clara e alongada, de pontas agudas, em estilo romano, está sobre a colina como uma grande garça prestes a desferir o vôo. Começam a se delinear na água quietas os seus contornos. Ainda muito estumados, muito apagados. Quando o marim-pescador racha na água (que reflete um sol de sangue) a ponta reta da asa, ela estremece um pouco. Assim como estremece quando o pescador atirado para o jantar joga pela última vez a linha. É à noiteinha que percebemos afinal que há uma catedral submersa. Quando se acendem as luzes. Dentro da água negra, mais espessa não sei como, calada que impressiona, a Igreja surge traçada em pontas de luz. Nem um brilho, nem uma asa, nem um mumúria. Amarelo sobre o negro, a catedral no fundo d'água mais real e mais bela que a que vemos todo o dia, todos os dias, o ano inteiro, garça branca na colina. Ah! é mister que a noite venha, que venha a treva, para vemos Submersa na noite da ausência a catedral qual bela se destaca, só, serena, com um brilho lustal de água ou de lágrimas. (Nem uma cintilação, nem uma asa, nem um mumúria.)

APM do Educandário intervmém e substitui diretor da escola

Por Carlos Varela

A Associação de Pais e Mestres do Educandário Luiza Gomes de Lenos, na Vila Carment, interveio no direção da escola, no início do mês, destituindo o diretor Pedro Aurélio Vieira Molinaro, que ocupava o cargo havia dez anos, e nomeando para seu lugar o professor aposentado José de Godoy Roseira, ex-diretor da E.E.P.C. Paulo Virgílio.

A intervenção se deu, segundo Francisco Carlos Maciel, presidente do Conselho da APM, porque o número de alunos vinha caindo muito nos últimos anos e a escola estava se afastando do seu objetivo inicial de trabalho, de atendimento a crianças carentes.

A decisão de intervir na diretoria foi tomada pela APM depois de ouvir alunos, pais, professores e funcionários, afirmou ele. "A escolha do novo diretor recaiu em José Roseira pelo seu currículo de educador", esclareceu Maciel. Junto com Roseira foi contratada também, para vice-diretora e coordenadora pedagógica, a professora Berwinda da Gula Rosa Souza.

Resgatar trabalho original

"Com a nova direção, pretendemos resgatar o trabalho original, instituído pelas Pioneiras Sociais, que vinha sendo distorcido", disse Maciel. O objetivo, segundo ele, é aumentar o número de alunos externos para 350 este ano (foram matriculados até agora 202) e, com isso, voltar a atender um número

Foto Cláudia Varella



APM confia na experiência profissional de Roseira e Berwinda para resgatar objetivo inicial do Educandário

maior de alunos carentes, que a escola abriga em regime de semi-interno.

Havia 40 alunos carentes anos atrás (agora são apenas 20), mas a meta da APM é ultrapassar os 40. Além disso, com mais alunos externos, e consequentemente mais recursos, a escola poderá remunerar melhor os professores, melhorar a qualidade do ensino e realizar

melhorias no prédio, afirmou ele.

O prédio é do governo federal e está cedido à APM, para exploração comercial do ensino, sob a condição de a escola atender também crianças carentes. Trabalham na instituição 20 professores.

Cursos

O Educandário dispõe dos cursos de 50% ensino fundamental (da 1ª

à 8ª série), de 2º grau (1ª e 2ª séries) e de Informática. Este ano renúncia os cursos pré-escolares, de nível 2 e 3, todos pelo Sistema Positivo de Ensino.

As matrículas continuam abertas desde o dia 12, até o dia 27, os quinze primeiros alunos (por curso) que se inscreverem nos níveis 2 e 3 e no ensino médio terão desconto de 50% na matrícula.

Coluna do leitor

A escritora cachoeirense, lida nacional e internacionalmente, apelida a velha estação de barracão. De fato os grandes depósitos que a estrutura comporta permitem essa interpretação, do mesmo modo que o nosso Clube Literário, ou o Vaticano com salão para dez mil pessoas e muitas outras grandes estruturas. Acontece que não é o que o arcabouço contém, mas sim as linhas arquitetônicas, que dão imponência ao edifício.

A gare cachoeirense se enquadra perfeitamente nesse modo de ver e pensar. Suas linhas são resultado de um projeto monumental para servir e unir duas vias férreas na promissora região do Vale do Paraíba.

Alguns rabiscos deste autor: "A estação ferroviária, que tanto luxo, esplendor e alegria deu aos não-distantes e felizardos cachoeirenses... depois do esplendor, a penúria de um abandono inqualificável. (O Cachoeirense", 1994)

"Por que não tomamos como exemplo a pequena e laboriosa Lavrinhas - vá até lá e veja o aproveitamento da estação. Mogi Guaçu transformou a sua numa colossal biblioteca." ("O Momento", 1996)

Agora Primeira Página coloca em suas páginas o tão doloroso e humilhante estado de abandono da estação, mas a professora cachoeirense, talvez por complacência, indulgência mesmo, para com os seus conterâneos, tuchou a estação de barracão, diminuindo um milhão de vezes a importância do mais que secular edifício. (Fernando M. Romeiro)

Reportagem sobre Estação Ferroviária repercute na cidade

Da Redação

A reportagem de Primeira Página, publicada na edição anterior, sobre o estado de abandono em que se encontra o prédio da estação ferroviária, obteve grande repercussão em toda a cidade.

No sábado, logo depois da distribuição do jornal, nossos repórteres surpreenderam várias pessoas, nas praças, em bares e lojas, discutindo o assunto e imaginando soluções para a restauração do prédio. Pelas opiniões ouvidas, pode-se dizer que existe um clamor quase que unânime em torno da necessidade de restaurar a estação.

Primeira Página ouviu algumas pessoas de destaque na cidade, sobre o assunto.

"Materia excelente do jornal. É também muito importante, porque levantou um assunto que não pode morrer enquanto não for encontrada uma solução", afirmou José Celso Romeiro, presidente da Câmara Municipal.

"A reportagem foi muito oportuna. Fico satisfeito de saber que a Prefeitura está procurando um patrocinador para a restauração", opinou Edmar Soares, presidente da Associação dos Ferroviários Aposentados e Pensionistas.

"Muito boa a reportagem. A sugestão do jornal de a Prefeitura assumir o prédio de imediato é uma boa ideia", disse José de Godoy Roseira, professor aposentado. "O ideal seria a Prefeitura assumir o prédio, mas não acredito que ela tenha interesse nisso. Então a solução seria a criação de uma ONG (organização não-governamental), que teria representatividade para atuar junto à Rede e para buscar recursos junto a fundações, como a Roberto Marinho, Banco do Brasil e Bradesco", disse o vereador Mário Garrote.

Para ele, de imediato, a providência que deveria ser tomada seria a interdição do prédio pela Defesa Civil, "para evitar acidentes, pois existe risco iminente de desabamento".

Clique do Leitor

A seção "Clique do Leitor", que estreia hoje nas páginas de Primeira Página, publicará sempre uma foto da cidade - ou de seus personagens - batida por um leitor. As fotos, de preferência datadas, poderão ser enviadas à redação do jornal, com o nome e o endereço do fotógrafo (amador ou profissional), e serão devolvidas depois de publicadas.



Foto tirada em 1983 na Praça Prado Filho pelo maquinista aposentado Paulo César Rodrigues, hoje com 52 anos. As duas crianças são suas filhas, Juliana e Sheila. Ao fundo vê-se o antigo jardim que rodeava a estação do soldado constitucionalista, que, naquela época, tinha ainda a espada em uma das mãos.

PRIMEIRA PÁGINA

A serviço da notícia

Uma publicação de Cláudia da Silveira Varella ME

CCC 02.826.912/0001-42 Inscrição Municipal 30.795

Av. Coronel Domícioano 140 - sala 1 - Centro

Cachoeira Paulista - SP

CEP 12630-000 - Telefone (012) 561-3966

Jornalista responsável: Ana Lima-MTB 21.114

Editor: Carlos Varela

Colaboradores: Elbon Júnior

Jurandir Rodrigues

Percival Pereira da Silva

Ruth Guimarães

Contatos Publicitários: Valéria Fernandes

Antônio Marcondes

Diagramação: Thais Varella

Impressão: Gráfica Imperial (São José dos Campos)

Tiragem: 2.000 exemplares

✓ Conceitos e opiniões emitidos pelos colaboradores e/ou em nossos artigos assinados não são de responsabilidade do jornal PRIMEIRA PÁGINA. Nossos colaboradores não têm vínculo empregatício com o jornal.

✓ Para denúncia, informação, reclamação ou sugestão de pauta, entre em contato com nossa equipe, desde que devidamente identificado. O contato pode ser feito por telefone, por carta ou pessoalmente.

Conserte e Acerte

Foto Cláudia Varella

Os alunos abaixo que estão devendo a transferência não teram o direito de fazer a matrícula em quanto não trouxerem.

ETA para 4TA'99

André Luis de Oliveira Jardim Trabalhista
 Antônio Carlos de Oliveira Antônio
 Ricardo Francisco de A. Antônio

Cinco erros numa só frase: "estam" só pode ser "estão" - "teram" só pode ser "têm" - "em quanto" só pode ser "enquanto"; falta vírgula antes e depois da oração intercalada "que estão devendo a transferência"; e cadê o objeto direto de "trouxerem"? Trouxerem o que? A frase correta seria: "Os alunos abaixo, que estão devendo a transferência, não teram o direito de fazer a matrícula enquanto não a trouxerem".

Esse aviso esteve colocado na secretaria da escola de 1º e 2º graus Comendador O. Gomes.

MODAS XODO

Armazinhos e confecções
 Cama - mesa - banho
 Variedade em tecidos - Confecção própria
 Atacado e varejo
 Av. Cel Domícioano, 76 - Cachoeira Paulista
 Fone: 561-1857

REFRIGERAÇÃO REFRILAR

Especializado em tanques de expansão e refrigeradores de leite

Ricardo Bastos

Técnico responsável
 R. Orlando Costa, 35
 Vl. Carmem

TELEFONES ÚTEIS

Centro de Saúde - 561-1544
 Delegacia de Polícia - 561-1543
 Hospital - 561-1600
 Pássaro Marrom - 561-1801
 Polícia Civil - 147
 Polícia Militar - 190
 Prefeitura Municipal - 561-1333
 Procon - 561-1333
 Pronto Socorro - 192

Disk Pizza do Pedro

Fone: 561-4111

ACADEMIA DE GINÁSTICA ANA PAULA

- * ginástica localizada
- * aeróbica
- * jazz
- * ginástica rítmica desportiva

R. Sete de Setembro, 100
 Informações: 561-1864

Aos 78 anos, seu Botelho diz querer voltar a fotografar

Por Claudia Varella e
Jurandir Rodrigues

O fotógrafo José Botelho Neto disse, emocionado, que sonha em voltar a fotografar. "Tenho vontade de voltar à fotografia, mas não tenho coragem de pegar na máquina, de escolher as poses, os melhores ângulos", afirmou etc.

Seu Botelho, ou seu Zizinho, como também é mais conhecido, completou 78 anos nesta sexta-feira, dia 15. Sem fotografar há dois anos, ele comemorou 50 anos de profissão em 1997 ao lado da mulher, a escritora e folclorista Ruth Guimarães. Os dois, que são primos de primeiro grau, vão completar 50 anos de casamento no próximo dia 15 de março. "Tudo o que sou, devo a Ruth", declarou.

Abatido por um câncer na próstata descoberto há três anos, seu Botelho concedeu uma entrevista à Primeira Página na sexta-feira, dia 8, em sua casa próximo ao viaduto, defronte da linha férrea. A seguir, os principais trechos da entrevista.

Namoro com Ruth

"Aqui tinha um corredor de casas muito pobres. Sou seis meses mais novo que ela. Um dia choveu e molhou a mala onde eu dormia. Então, minha tia, que é mãe dela e minha madrinha, me colocou no berçinho da Ruth. Nosso namoro começou assim.

Mais tarde, Ruth foi fazer escola em São Paulo e passou um ano em casa. Ai nós ceramos um namoro, os dois com 14 anos. Começamos a trabalhar juntos com 25 anos, eu como fotógrafo e ela como repórter. Eu gostava de trabalhar com ela"

Casamento

"Nós nos casamos em 28 anos. Nosso casamento faz 50 anos no dia 15 de março"

Filhos

"Temos nove filhos. Os três

mais velhos morreram (pausa). Eu não gosto de lembrar desses três filhos. O Antônio José era doente, tinha problema nos rins. A mais velha era a Marta. Depois, vinha o Rubinho. O meu tesouro são meus filhos. Eles são tão bons! Nunca pensei que tivesse uma velhice tão bonita. O Judá (um dos filhos) toma conta de mim, me dá remédios nas horas certas. Não tem nenhum melhor que o outro"

Casar primo com primo

"Antes de nos casarmos, fui ao médico, perguntei se não fazia mal me casar com uma prima. Ele falou que não tinha problema, mas que, se houvesse alguma coisa, traria dificuldades para os filhos. Todos os filhos nossos são excepcionais. É mais forte num dos que nos outros, mas todos são excepcionais. Porém, nós não queremos outros filhos"

Preconceito

"Não houve resistência dentro das nossas famílias quando nos casamos. A minha mãe gostava da Ruth. Nós começamos a sair juntos e foi em Suzano que o namoro se firmou, quando começamos a trabalhar juntos"

Ruth

"Tudo que eu sei, eu devo a Ruth. Tudo que eu sou, é a Ruth. Ela me ensinou a ler. Nossa vida foi uma aventura tão grande, uma vida tão dura"

Deus

"Houve um dia que eu saí desesperado, cheguei à casa dela (da Ruth) umas 11 horas da noite. Eu perguntei para ela assim: 'Ruth, existe Deus?' Ela

Foto: Claudia Varella



Fotógrafo autodidata, Zizinho comemorou 50 anos de profissão em 97

disse: 'Isso é com você'. Os intelectuais não acreditam em Deus. Eu era filho de Maria, era religioso. Comecei a ler o livro 'Apenas um Coração Solitário', que não tem nada com religião. E foi neste livro que descobri que não havia Deus. Eu tinha uns 22 anos. A gente chega a essa crença sozinho, e depois se firma"

Religião

"Eu respeito as religiões. Tenho amigos espíritas muito bons, tenho amigos católicos também. Ninguém sabe que a gente não tem religião nem acredita em Deus. Nunca falei de religião para os filhos. Nem

em nem mal. Se eles quiserem ir a um centro espírita, vão, a uma igreja protestante, vão. Eles têm a mesma crença; descobriram por si mesmos"

Livros

"Ainda leio muito. Sempre li muito. A Ruth lê ficção. Eu leio revistas científicas, leio filósofos, como Platão e Aristóteles"

Interesse pela fotografia

"Estava atravessando a Praça da República (em São Paulo) junto com a Ruth. Ela falou assim: 'Olha a folha desta árvore, parece uma mão'. Foi assim que descobri a fotografia. Quem me descobriu mesmo foi a irmã Olga (Olga de Sá, diretora da Fatea). Ela me deu todo apoio (eu já era fotógrafo há muitos anos)"

Início da profissão

"Tinha uns 20 e poucos anos quando comecei a trabalhar com fotografia. Depois de 97, não fotografei mais. Eu tenho máquina, tudo guardado ainda"

O fotógrafo

"Eu sempre fotografei assim: gostava de alguma coisa e fazia a foto. O fotógrafo tem o olho mais agudo, tem o dom de enxergar alguma coisa de uma forma diferente"

Melhores fotos

"Cada uma que faço, eu me empenho, deixo corpo, deixo alma, deixo tudo ali, na foto. Gosto de fotografar o rio (Paraíba). Fiz milhares, milhares de fotos nesses 50 anos de carreira"

A foto que não fez

"A fotografia bonita que eu não tirei foi do então governador de Goiás durante a construção de Brasília. Eu cheguei a Brasília naquela época e vi um homem carregando uma viga nas costas. Parecia que ele era um super-homem. Ai ele limpou a mão para me cumprimentar. Era o governador de Goiás. Ele estava ajudando na construção de Brasília"

Prêmios e exposições

"Nunca dei importância para prêmios. Ganhel alguns prêmios regionais. Mas nunca liguei. Agora que eu sei que sou bom. Fiz exposições no Santa Teresa e na Casa de Cultura de Lorena. Tinha vontade de fazer uma exposição no Sesc de Guará"

Dinheiro

"Com a fotografia, dava para sobreviver. Eu fazia 3x4 muito bem, sabe? Ali eu ganhava dinheiro"

Por que parou?

"Parei porque não tenho coragem de pegar na máquina. O motivo foi a doença"

Seu sucessor

"Não tenho visto fotógrafos de ninguém. Eu me lembro do Celinho (Célio Ferreira). Nós fizemos uma exposição juntos. Quem é bom fotógrafo aqui em Cachoeira é o Robertinho (Robertinho Godoy). Nunca vi uma foto dele, mas sei que ele é bom fotógrafo"

A doença

"Eu tenho câncer. E tive a doença com estresse, o que agravou minha situação. O médico me falou que essa doença não vai se resolver assim tão fácil. Mas agora eu tenho 78 anos. Saí da fase de estresse. Agora que eu encontro um médico bom. Comecei um tratamento com ele. Tomo dois comprimidos de Androcur por dia. Estava deprimido, agora estou bem melhor. Sabe do que eu preciso? De vocês, de bons amigos. O Severino (professor Severino Antônio Moreira Barbosa) é meu bom grande amigo. Eu fico muito fechado. Quando chegam os amigos, eu fico tão alegre, fico animado. A presença dos amigos é um grande remédio para mim"

Morte

"Não tenho medo da morte. Eu queria morrer. Eu queria, agora não quero mais. Ainda tenho vontade de fotografar, mas não posso, não tenho coragem de pegar na máquina, de sair, escolher as poses"

Zizinho, o mestre

Por Robertinho Godoy
Especial para Primeira Página

A cena fotográfica de Cachoeira é separada em dois períodos: antes e depois do mestre Zizinho. Através dos tempos, muitos fotógrafos se interessaram em documentar em fotos os aspectos físico-sociais do município, deixando-nos um valioso acervo facilmente encontrado em arquivos de família e museu.

O conjunto da obra fotográfica captada ao longo de décadas pelas sensíveis lentes do professor Zizinho supera em número e em qualidade artística a soma de todos os registros históricos conhecidos sobre a cidade, tamanha a grandiosidade do legado cultural perpetrado pelo mestre que dedicou toda uma vida a retratar e a divulgar a beleza natural de Cachoeira e os costumes de sua gente.

Dotado de estilo e originalidade ímpares, o jornalista e professor Zizinho Botelho viu suas imagens ilustrarem publicações os mais variados jornais e revistas, para os quais foi abnegado colaborador, por vezes abrindo mão de direitos autorais em nome da popularização da arte e divulgação da cultura.

O pioneirismo de seu trabalho, sua inquietude diante das realidades humana e paisagística, o dom de possuir uma intuição e diferenciada visão das coisas foram elementos a despertar em seus muitos admiradores e aprendizes o interesse pelo domínio das técnicas elementares da fotografia, desde o "click" inaugural aos processos finais de revelação do filme e ampliação em papel, conduzindo uma devota legião de iniciantes a buscar o primeiro contato com o equipamento e a alcançar, após ensaio muito, uma leitura própria da diversidade que nos rodeia.

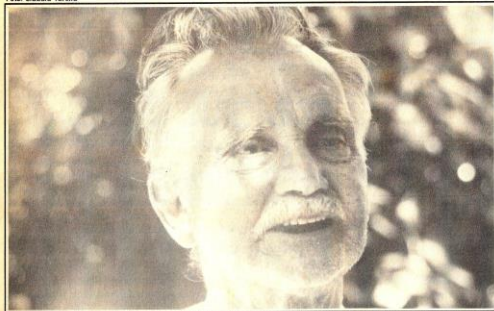
Todos os curiosos principiantes que vislumbraram na fotografia uma forma de se expressar artisticamente certamente beberam da inesgotável fonte criativa surgida da ótica acurada e inimitável do nosso fotógrafo maior.

A bagatela artística e a valiosa contribuição do pioneiro Zizinho ao engrandecimento da cultura artístico-jornalística credenciam o singular mestre a ter seu nome em indelével relevo na galeria dos valorosos cachoeirenses, a quem muito devemos pela magnitude e repercussão de sua obra, erigida por mãos sábias que têm na simplicidade um princípio maior de vida.

Dentre muitas virtudes, mestre Zizinho Botelho sempre dirigiu a todos um olhar sereno, uma inefável dedicação aos amigos e alunos, e uma extraordinária doação de si à arte que abraça: a fotografia. A despeito do exclusivo uso do papel em preto e branco na maioria de suas criações, ganhamos com o trabalho e a pessoa do mestre Zizinho um mundo de cores jamais vistas.

Robertinho Godoy, de 36 anos, é fotógrafo da Câmara Municipal de Cachoeira Paulista

Foto: Claudia Varella



Abatido pela doença, Zizinho sonha em voltar a fotografar, mas está "sem coragem" para pegar na máquina

SORVETERIA DO FAUSTO

Sorvetes self-service
Faça seu sorvete em pote ou taça
Fazemos taça sunday
Sorvete é saúde
Rua Bernardino de Campos, 196 - Centro

MicroHelp

Prestação de serviços em informática

Danilo Oliveira 986-5114
Fernando Nishimura 986-5144

Instalação, configuração, suporte e manutenção de computadores

Vieira
IMÓVEIS
Sempre uma ótima negociação!

Rua Sete de Setembro, 239
Cachoeira Paulista - SP

Fones:
561-2448
561-3279
561-3280
561-2987

PRIMEIRA PÁGINA

fone: 561-3966